

GABARITO IFI AULA 3 – HISTÓRIA – 1º ANO

3. EXPLORAÇÃO DE RECURSOS NA ECONOMIA COLONIAL

Excertos de Frei Vicente do Salvador (1607)

1. Como funcionava o sistema de coivara e por que ele era, em parte, sustentável?

O sistema de coivara era uma prática agrícola tradicional dos povos indígenas, onde uma parte da floresta era derrubada e, após secar, era queimada. O fogo ajudava a limpar a área e fertilizava o solo ao liberar nutrientes dos vegetais queimados. As culturas como milho, mandioca e feijão eram plantadas nas áreas abertas, que eram alternadas com capoeiras, ou seja, áreas de vegetação secundária em regeneração, garantindo que o solo não fosse explorado de forma excessiva. Esse sistema era sustentável porque:

- Permitia o descanso do solo, com o pousio, onde a área cultivada ficava inativa por um tempo, evitando sua exaustão.
- Respeitava o ciclo natural, com a regeneração da vegetação nas áreas deixadas em pousio, e a rotação de áreas de plantio.
- Utilizava os recursos naturais de maneira equilibrada, sem causar o esgotamento do solo ou grandes impactos ambientais.

2. Quais práticas indígenas garantiam a fertilidade do solo sem recorrer a fertilizantes externos?

As práticas indígenas que garantiam a fertilidade do solo sem a necessidade de fertilizantes externos incluem:

- Queima controlada (coivara): Como mencionado, a queima das roças renovava o solo ao liberar nutrientes presentes nas plantas queimadas.
- Pousio: Deixar a terra descansar por um tempo, permitindo que a vegetação natural se regenerasse, recuperando os nutrientes do solo.
- Diversificação das culturas: O cultivo de diversas plantas (como milho, feijão, mandioca) em sistemas de policultura ajudava a manter o equilíbrio do solo e evitar a exaustão de nutrientes.
- Uso de adubo orgânico: Muitas comunidades indígenas utilizavam esterco de animais e resíduos orgânicos para melhorar a qualidade do solo.

Essas práticas, combinadas com a observação dos ciclos naturais, permitiam que os povos originários mantivessem uma agricultura resiliente e sem o uso de químicos.

3. Compare essas técnicas com as monoculturas açucareiras e o consequente esgotamento dos latifúndios.

As técnicas indígenas, como a coivara e o pousio, eram sustentáveis e baseadas na diversidade e na rotação das culturas, respeitando os ciclos naturais. Em contraste, as monoculturas açucareiras implementadas pelos colonizadores exigiam o uso intensivo da terra para cultivar apenas um produto (açúcar) em grandes latifúndios. Esse modelo de monocultura levou a sérios problemas ambientais, como:

- Esgotamento do solo, pois a terra era continuamente explorada para um único cultivo, sem o descanso necessário.
- Desmatamento em larga escala, para abrir espaço para os engenhos de açúcar.
- Uso intensivo de mão de obra escrava, o que implicava na degradação social, além da exploração dos recursos naturais.

Enquanto a agricultura indígena buscava a harmonia com a natureza, as monoculturas açucareiras estavam baseadas na exploração intensiva, prejudicando a biodiversidade e esgotando a capacidade produtiva das terras coloniais.

4. Como a cosmovisão indígena contribui para práticas atuais de manejo sustentável e preservação da biodiversidade?

A cosmovisão indígena é profundamente interligada à natureza, com uma compreensão de que todos os elementos do mundo estão interconectados. Isso contribui para práticas de manejo sustentável e preservação da biodiversidade, pois:

- Respeito ao equilíbrio ecológico: Os indígenas entendem que a natureza deve ser respeitada e que os recursos naturais não podem ser usados de maneira indiscriminada.
- Relação com a terra como um ente vivo: Para muitos povos indígenas, a terra não é apenas um recurso, mas um ser vivo que deve ser cuidado e mantido em harmonia.
- Saberes tradicionais: As práticas como o uso da coivara, a rotação de culturas e o pousio são práticas que ainda são consideradas altamente sustentáveis em várias partes do mundo, influenciando movimentos de agroecologia e permacultura.

Essas práticas, quando adotadas em contextos modernos, podem ajudar a promover agricultura sustentável, preservar ecossistemas e restaurar a biodiversidade.

1. Aponte no mapa as principais áreas de embarque de escravizados na África e os principais portos receptores no Brasil.

As principais áreas de embarque de escravizados na África eram:

- África Ocidental: Regiões como o atual Senegal, Gana, Nigéria e Benim, onde os escravizados eram capturados ou comprados e enviados para as Américas.
- África Central: Zaire (atual República Democrática do Congo) e Angola, que também eram grandes fornecedores de escravizados.

Os principais portos receptores no Brasil eram:

- Porto de Salvador (Bahia), um dos primeiros centros de desembarque de escravizados no Brasil.
- Porto de Rio de Janeiro, que se tornou o principal ponto de entrada de africanos no século XIX.
- Porto de Recife, também importante na chegada de escravizados, especialmente durante o período colonial.

2. Relacione o fluxo de pessoas com o fluxo de commodities (açúcar, ouro, pau-brasil).

O fluxo de pessoas (escravizados) estava intimamente ligado ao fluxo de commodities no Brasil colonial. As plantations de açúcar necessitavam de grandes quantidades de mão de obra escravizada para trabalhar nas lavouras e nos engenhos. O ouro extraído das minas também era associado ao trabalho escravo, com a exploração das minas exigindo um grande número de escravizados. O pau-brasil foi a primeira commodity explorada no Brasil, e, inicialmente, também dependia do trabalho indígena, mas com a chegada dos colonizadores, os escravizados africanos passaram a ser a principal força de trabalho.

Portanto, o comércio de açúcar, ouro e pau-brasil estava interligado ao comércio transatlântico de escravizados, onde a força de trabalho era um componente essencial para a produção e exportação dessas riquezas.

3. Em que medida esse comércio configurou um impacto ambiental globalizado?

O comércio de escravizados e commodities teve um impacto ambiental globalizado de várias formas:

- Desmatamento para a expansão das plantações de açúcar, café e outras monoculturas.

- Esgotamento do solo nas áreas de cultivo, devido à falta de práticas sustentáveis de manejo da terra.
- Mudanças nos ecossistemas locais com a remoção de florestas e a alteração das paisagens naturais para a criação de monoculturas.
- Alterações no uso da terra no continente africano, com a captura de pessoas que pertenciam a grupos que tradicionalmente praticavam o manejo sustentável da terra.

Esses impactos se refletiram em um modelo de exploração predatória que afetava tanto os seres humanos quanto o meio ambiente, com efeitos que perduram até hoje.

4. Como o modelo escravista colonial, além de submeter populações ao trabalho forçado, antecipou mecanismos de exploração ambiental que marcaram a modernidade capitalista?

O modelo escravista colonial antecipou muitos dos mecanismos de exploração ambiental que seriam características do capitalismo moderno:

- Monocultura intensiva: A produção de açúcar e outros produtos exigia o uso intensivo da terra, sem preocupação com a regeneração do solo, o que levou ao esgotamento das terras cultiváveis.
- Desmatamento extensivo para abrir espaço para a produção agrícola e extração de recursos naturais, o que gerou a degradação ambiental.
- Uso de trabalho forçado: A exploração de mão de obra escravizada garantiu que os custos de produção fossem baixos, permitindo o acúmulo de riqueza por parte de poucos, um modelo que ecoaria nas formas de exploração da natureza na modernidade, onde o capital sempre busca maximizar lucros, frequentemente às custas do meio ambiente e dos direitos humanos.

5. De que forma as práticas quilombolas dialogam com os princípios da agricultura sustentável e da justiça social?

As práticas quilombolas estão profundamente ligadas à agricultura sustentável e à justiça social por várias razões:

- Respeito ao meio ambiente: Muitas comunidades quilombolas seguem métodos de cultivo que respeitam os ciclos naturais e evitam o uso de práticas agrícolas agressivas, como o uso excessivo de químicos.
- Relações comunitárias e autossustentabilidade: A solidariedade e a cooperação entre os membros da comunidade garantem que as terras sejam utilizadas de maneira equilibrada, sem sobrecarregar os recursos naturais.
- Justiça social: As comunidades quilombolas

EXERCÍCIOS DO ENEM

1. b) o fortalecimento de economias mercantilistas e o início da globalização.
2. c) o desmatamento extensivo e o esgotamento dos solos coloniais.
3. c) a regeneração natural do solo pelo repouso em capoeiras.
4. b) práticas comunitárias de sustentabilidade e autoproteção.
5. b) o capitalismo industrial repetiu padrões de exploração intensiva de recursos.